



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



CULTURA  
ACADÊMICA  
*Editora*

# A crise da transição socialista

Ramón Peña Castro

**Como citar:** CASTRO, R. P. A crise da transição socialista. *In:* DEO, A.; BATISTA, F. M. (org.). **100 Anos da Revolução Russa: a transição socialista como atualidade histórica.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 367-374.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-09-5.p367-374>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# A CRISE DA TRANSIÇÃO SOCIALISTA: UM COMENTARIO

*Ramón Peña Castro*

**P**or que desabou a URSS? As causas dessa desintegração são múltiplas e ultrapassam os objetivos desta breve intervenção limitada a salientar três momentos que achamos fundamentais para início de reflexão: 1) Os fatos que marcaram a dissolução da União Soviética; 2) As causas determinantes: a degeneração burocrática do Estado/Partido e a correlata corrosão da vida político-social e; 3) As principais consequências históricas (geopolíticas e sociais) da desapareção do Estado Soviético.

## I

A desintegração da União Soviética foi conchavada em 8 de dezembro de 1991 no encontro secreto de três conspiradores: Boris Yeltsin, Leonid Kravchuk e Stanislav Shuskievich (presidentes, respectivamente, da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia). Encontro realizado em Bielovezh, <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-09-5.p367-374>

em um albergue de caça da floresta bielorrussa, (Belavezhkaia Puchka), lugar, curiosamente, próximo da fronteira polonesa. Portanto, ideal para a eventualidade de ter que fugir, caso de fracassar a intentona golpista. A prova cabal de que isso foi um golpe de Estado é o fato notório de que oito meses antes, mais de 80% dos eleitores soviéticos tinham aprovado, em um referendo, a conservação da estrutura estatal da URSS.

O fato central deste cenário é que Boris Yeltsin, Presidente da Federação Russa conquistou o poder máximo (o Kremlin de Moscou) a partir do contubérnio de Bielavezha, onde o triunvirato mencionado lavrou, no maio secreto, o atestado de óbito da URSS, para logo mais (25 de dezembro 1991), ao forçar a demissão do pusilânime Gorbachov. De jure, a URSS sobreviveu até o dia 26 de dezembro de 1991, quando o Soviete das Repúblicas do Soviete Supremo da URSS aprovou a própria dissolução e, simbolicamente, mandou arriar a bandeira vermelha da foice e o martelo.

Esta evocação da ação conspirativa dos sepultadores da URSS somente serve de introdução para indagar as causas profundas do seu colapso. Igualmente superficial e insatisfatória é a tese assumida pelo atual Partido Comunista da Federação Russa, segundo a qual a URSS teria sido “sequestrada e traída” por um bando de altos burocratas (aparatchiki) oportunistas, ansiosos por transformar seus cargos burocráticos em poder oligárquico capitalista. Também resulta insuficiente pretender explicar o colapso da URSS com o fato, amplamente documentado, da atividade dissolvente das agencias imperialistas que, obviamente, colaboraram decisivamente para fortalecer as forças internas freneticamente conversas a religião do mercado, começando pelo ambíguo e pusilânime de Gorbachov e culminando com seu antagônico sucessor, o truculento Boris Yeltsin, chefe do novo governo golpista. Governo composto por Yakloviev, Gaidar, Popov, Aven, Skokov, Vasiliev e outros trânsfugas que trocaram um falso marxismo catequético pelo ultraliberalismo mais radical do modelo pinochetista chileno, promovido por uma equipe especial de assessores do *Harvard Institute for International Development* (financiada pela USAID com patrocínio do Departamento de Estado dos EUA) e chefiada pelo conhecido “transiçãotólogo” Jeffrey Sachs.

O que precisa de explicação são as condições determinantes da dissolução da URSS, sem omitir as motivações dos autores do colapso soviético. Eis o que tentamos esboçar seguidamente.

## **II. A DEGENERAÇÃO BUROCRÁTICA DO ESTADO/PARTIDO E A CORRELATA CORROSÃO DA VIDA POLÍTICA E SOCIAL**

A mídia de mercado e certa historiografia preguiçosa, insistem na reprodução de generalidades e simplificações ideológicas (até teológicas) tais como: “o fim da URSS foi inevitável” porque seu sistema econômico-político resultou “irreformável”. Esta é uma conclusão simplificada e distorce ao extremo uma história de 74 longos anos (1917-1991) carregados de lutas gloriosas e tragédias horrorosas. Para começar: “foi a primeira revolução subjetivamente preparada na história da humanidade” (LOUÇÃ, 2017); enfrentou uma guerra de classes (chamada “guerra civil” entre 1918-1921) que segou mais de cinco milhões de vidas humanas (cifra superior as perdas ocasionadas pela Primeira Guerra Mundial); passou pelo “comunismo de guerra” que implicava confisco forçado de boa parte da produção dos camponeses, como recurso extremo para manter vivos - com um racionamento misérrimo - a população urbana e ao Exército Vermelho, que derrotou a coligação reacionária de inimigos internos e externos. Segue a Nova Política Econômica (NEP), 1921 a 1928, ou restauração parcial da produção mercantil privada, para iniciar, logo mais, a “coletivização forçada da agricultura”, ou seja, uma “acumulação primitiva” base da correlata “industrialização acelerada em grande escala”, impiedosamente comandada por Stálin (1928-1953). Esse é um período ambivalente, por incluir a gestação do stalinismo, um poder vertical, despótico e criminal, concomitante com uma massiva participação popular na militarização da economia e da sociedade em armas que com o sacrifício de mais de 25 milhões de mortos, salvou ao mundo da peste nazista, aniquilando a poderosa máquina militar do Terceiro Reich Alemão, na Segunda Guerra Mundial. Sem parar, continuará um monumental esforço de acelerada reconstrução pós-bélica. Em 1953, a morte de Stálin marca a nova fase, denominada “degelo” com a denúncia dos crimes do stalinismo pelo novo secretário do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Nikita Khrushchov

(1953-1964). Defenestrado este, mediante um golpe palaciano, inicia-se o dilatado período (1964-1982), denominado “estagnação”, dirigido por Leonid Brezhnev (1964-1982). Logo vem o breve período (1981-1984) de Yuri Andropov, comunista competente e honesto, cuja a precária saúde apenas lhe permitiu iniciar algumas reformas e combates concretos contra a corrupção. Por último, a fase do Gorbachov (1985-1991), cujas bandeiras de “*Perestroika*” e “*Glasnost*” (Reconstrução e Transparência), acompanhadas de uma retórica insípida e de caóticas reformas políticas e econômicas. As reformas de Gorbachov implicavam a devolução explícita da autoridade às repúblicas. O processo de desintegração se radicaliza com a renúncia a intervir nas revoltas, nada ingênuas da Europa Oriental, do mesmo modo que deixou sem resposta a ofensiva antissoviética de Boris Yeltsin. Neste contexto, o colapso das democracias populares (República Democrática Alemã, Hungria, Checoslováquia, Romênia), paralelo as crescentes tensões nacionalistas (Geórgia 1989, Lituânia, Letônia e Estônia 1991) minaram os fundamentos internos até provocar o desabamento de todo o edifício da chamada URSS.

A causa das causas, tem a ver com algo que tem raízes na gestação do Poder stalinista: a divergência crescente entre o discurso pretensamente marxista-leninista e a prática dogmática do Estado/Partido que nulificou as capacidades criativas dos indivíduos, a vida social democrática, cuja diversidade e evolução urbana e o nível cultural, tornaram-se cada vez mais incontroláveis para a pesada máquina burocrática.

Na sua etapa final (1985-1991), os interesses da casta ou “quadro executivo” (aparatchiki) foram o principal fator de corrosão política e espiritual. Neste sentido, pode-se afirmar que em 1991 tornou-se inocultável a decomposição (auto desintegração) da casta que até então monopolizava as cinco funções essenciais da sociedade: 1) poder político, 2) controle da propriedade dos meios e resultados da produção, 3) aparelhos ideológicos, 4) aparelhos de direção e 5) normativa organizacional.

A linhagem desta casta não deixa de ser relevante: *neta* da crueldade e do truculento dinamismo do período stalinista (1929/1953) e *filha* do relaxamento burocrático administrativo que sucedeu a tentativa

regeneradora de Khrushchov. Tentativa essa congelada durante a longa fase de estagnação de Brezhnev (1964/1987).

Na primeira etapa degenerativa, a casta permanece agrupada pelo terror desenfreado que culmina nas grandes “purgas” dos anos 1930, assim como também pelos sacrifícios exigidos pelos Planos Quinquenais e pela Grande Guerra Patriótica (anos 1940). Em conclusão, as ameaças de morte e a repressão formaram o caldo da cultura da burocracia staliniana. Na segunda etapa, pós-Stalin (1954-1985), a coesão da casta estava baseada nos privilégios materiais da burocracia administrativa. Livre das ameaças de morte podia desfrutar calmamente dos seus privilégios. Porém, estes privilégios nunca foram um patrimônio completo porque estavam amarrados ao cargo, não sendo, portanto, hereditários nem transferíveis. Não sendo comparáveis com o das elites transnacionais. O historiador catalão Rafael Poch de Feliú (2006), compara a casta dirigente soviética com a hierarquia eclesiástica. Administradores, mas não donos do patrimônio das Igrejas que, além disso, constituem uma seita não homologável com a grande oligarquia globalizada do sistema econômico social, chamado capitalismo transnacional. Contudo, foi nesta segunda etapa de calma e sossego quando se cristalizou a profecia feita por Trotsky em 1936: “a burocracia soviética acabará se transformando em classe proprietária porque os privilégios só têm a metade do seu valor quando não podem ser transmitidos por herança aos descendentes; porque é insuficiente ser diretor de uma corporação sem poder ser acionista”. As reformas de Gorbachov de descentralização política e de liberalização da gestão econômica inauguraram, involuntariamente, a fase triunfal do processo degenerativo da casta. Foram eliminados os obstáculos que impediam à transformação dos hierarcas soviéticos em classe proprietária (oligarquia mafiosa) homologável com os abutres da grande finança globalizada. A “terapia de shock” que permitiu o “maior assalto da história” está bem documentado no excelente livro de Naomi Klein (2007, p. 291-324). Com isto chegamos ao nosso terceiro ponto.

### III CONSEQUÊNCIAS HISTÓRICAS, POLÍTICAS E SOCIAIS DA DESAPARIÇÃO DO ESTADO SOVIÉTICO

Para início de conversa, cabe lembrar a frase do notável historiador britânico Hobsbawn (1995) “[...] o mundo foi moldado pelos efeitos da Revolução Russa de 1917.”. Em razão disso, hoje devemos acrescentar que o mundo está marcado pela desapareção da URSS, em três sentidos: 1) pela ausência de alternativa contraposta ao capitalismo universalizado; 2) pela ausência de um ponto de apoio para o movimento operário mundial e; 3) pela ausência de um contrapeso político e militar oposto ao agressivo imperialismo norte-americano.

As consequências sociais podem ser resumidas assim: “Nunca tantas pessoas perderam tanto em tão pouco tempo sem que um flagelo de fome, sem uma praga ou uma guerra de grandes proporções.” (KLEIN, 2007, p. 319).

No período 1990-1998, mais de 80% das unidades agrícolas e umas 70 mil fábricas estatais tinham quebrado deixando milhões de trabalhadores desempregados. Segundo o “[...] Banco Mundial: 74 milhões de cidadãos russos sobreviviam abaixo da linha de pobreza (quatro dólares diários), chegando ao pauperismo extremo uma quarta parte (25% ou 37 milhões) da população total. Em 2006 o governo russo admitia a existência de 715.000 crianças abandonadas[...]”, enquanto que “[...] a UNICEF estimava essa cifra em 3,5 milhões de vítimas” (KLEIN, 2007, p. 320).

Para os patrocinadores norte-americanos de Governo Yeltsin “[...] o objetivo evidente foi apagar do mapa o Estado preexistente para criar as condições necessárias para festança capitalista que, por sua vez, serviria de impulso inicial para uma vibrante democracia de mercado.” (KLEIN, 2007, p. 321).

Transcorridos 27 anos da dissolução da URSS, quando Bush proclamou o triunfo imperial na Guerra Fria contra o comunismo, hoje

Resulta cada vez mais evidente que o grande combate do século XXI, uma vez superada o medo capitalista do comunismo, consiste em tirar dos trabalhadores o que lhes restou de direitos conquistados em mais de dois séculos de lutas sociais e dos camponeses do mundo inteiro a

propriedade dos bens comuns, especialmente a terra e a água: de 50 a 65% da terra produtiva do mundo hoje cultivada por povos originários e comunidades camponesas, ainda que apenas uma mínima parte dela seja reconhecida pelos governos como propriedade. (FONTANA, 2017, p. 644).

## REFERÊNCIAS

- FONTANA, Josep. *El siglo de la revolución*. Una historia del mundo desde 1914. Barcelona: Critica, 2017.
- HOBBSWAN, Eric. *Era dos extremos: a breve historia do século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- KEERAN, Roger; KENNY, Thomas. *O socialismo traído*. Lisboa: Avante, 2008.
- KLEIN, Naomi. *La doctrina del shock: el auge del capitalismo del desastre*. Barcelona: Paidós, 2007.
- LEWIN, Moshe. *El siglo soviético: ¿que sucedió realmente en la Unión Soviética?* Barcelona: Crítica, 2006.
- LOUÇÃ, Francisco. *Algunas herencias de la Revolución de Octubre*. 2017. Disponível em: [www.sinpermiso.info](http://www.sinpermiso.info). Acesso em: 10 maio 2018.